

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NO CENTENÁRIO DE OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
16 de outubro de 2021

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA / 1920

um filme de Georges Pallu

Realização: Georges Pallu / **Argumento:** Baseado no romance homónimo de Júlio Dinis / **Fotografia:** Maurice Laumann / **Montagem:** Mme. Meunier, Georges Pallu / **Cenografia:** André Lecoïnte / **Figurinos:** Valverde / **Música Original:** Armando Leça / **Intérpretes:** Pato Moniz (D. Luís), Mário Santos (Jorge), Erico Braga (Maurício), Adelina Fernandes (Baronesa de Souto Real), Duarte Silva (Frei Januário), António Pinheiro (Tomé da Póvoa), Etelvina Serra (Berta), Encarnacion Fernandes (Luísa da Póvoa), Salvador Costa, José Silva e Artur Sá (Primos do Cruzeiro).

Produção: Invicta Film / **Director de Produção:** Henrique Alegria / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (nova digitalização a partir de elementos de imagem preservados pela Cinemateca), mudo, com intertítulos em português / **Duração:** 206 minutos / **Estreia:** Cinema Condes, a 14 de Janeiro de 1921.

A sessão decorre com intervalo.

Com música ao vivo pelos Solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigidos pelo Maestro Cesário Costa.

Filipe Freitas: oboé
Alexêi Tolpygo, José Teixeira: violinos
Irma Skenderi: viola
Ana Cláudia Serrão: violoncelo
Vladimir Kouznetsov: contrabaixo
Coral Tinoco: harpa
Paulo Oliveira: piano

Sobre o Filme

Concluído, embora com certo atraso, o estúdio da Quinta da Prelada, era chegado o momento de pôr em funcionamento o valioso conjunto de instalações técnicas com que a Invicta Film acabava de ser dotada, que lhe consentiam uma total independência na marcha das suas atividades e que, ao mesmo tempo, iam permitir mais amplos e eficientes voos no campo da produção de filmes providas, como estavam, de conveniente e acreditado apetrechamento e tendo ao seu serviço um grupo de elementos técnicos que haviam já dado a medida da sua competência nos trabalhos anteriores.

Para começo da atividade do novo complexo esteve sempre em mente dos dirigentes da Invicta o

arrancar dessa laboração com um filme tirado, naturalmente, de uma obra de autor português e de nomeada, lema que durante largo período havia de ser seguido, rigorosamente, pela Invicta Film. Essa escolha havia já sido objeto de apreciação. Com efeito, ao ser planeado o programa de trabalho para 1919, recaíra a mesma sobre uma obra de Júlio Dinis, escritor então no apogeu da sua popularidade entre grande parte dos leitores nacionais, nascidos no norte do país, mais precisamente no Alto Minho, região que havia servido já de cenário ao filme imediatamente antes apresentado, *A ROSA DO ADRO*. OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA foi o móbil dessa escolha. Uma vez mais, pois, se verifica o firme propósito dos dirigentes da empresa de ser levada à tela obra dum escritor português. Conscientes das responsabilidades que assumiam ao encontrarem-se na posse dum instalações e do apetrechamento único na Península – só comparável, também, ao que de melhor, ao tempo, se verificava em muitos outros países da Europa alguns, mesmo, senhores de grandes tradições no campo cinematográfico – e utilizando técnicos de comprovada competência, os dirigentes da Invicta Film procuraram, como se compreende, rodear esse filme dos maiores cuidados em todos os setores de produção – da realização à interpretação passando, igualmente, pela indumentária, aspeto muito importante para mais num filme de tal tipo, em que sobressaía a reconstituição de uma época, a par de outras características próprias a esse género cinematográfico.

Dirigido com muito acerto por Georges Pallu, tendo como operador Maurice Laumann, no seu primeiro trabalho em Portugal, Armando Leça, conhecido compositor e competente folclorista, escreveu propositadamente para o filme o comentário musical, com música original e interpretação de música regional. Iniciada a sua realização em agosto e terminada em outubro, o filme teve exteriores filmados no norte do país, com maior precisão no Alto Minho, e algumas cenas na Tapada da Ajuda, em Lisboa. No entanto, a parte mais importante desses exteriores decorreu no solar conhecido por Torre de Lanhelas, a casa senhorial que se ergue à entrada daquela aldeia – conhecida pela excelência dos seus pirotécnicos – junto da estrada, à esquerda, que vai de Caminha a Valença, a qual hoje ainda existe. Essa mansão acastelada prestava-se – como o filme o demonstra – realmente à maravilha para figurar a Casa Mourisca de que fala o romance.

A amplidão dos meios postos à disposição do realizador, os cuidados e o rigor da encenação e o excelente elenco deram a OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA, nesse tempo, e muito justamente, foros de acontecimento sensacional no quadro da cinematografia portuguesa. Este filme, como “Amor de Perdição”, produzido no ano seguinte, ficaria a constituir o mais ambicioso, o mais importante e espectacular de quantos saíram dos estúdios da Quinta da Prelada. E, também, uma das produções de maior acerto oferecida pela firma portuense ao público português.

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA, cujos direitos de autor haviam custado à Invicta Film a importância de 20 contos, com os seus 4500 metros e dez partes, divididas em duas jornadas, teve a estreia no Cinema Condes, em Lisboa, a 14 de janeiro de 1921. Constituiu um êxito verdadeiramente invulgar no nosso meio, digno, portanto, de se acentuar.

O comerciante portuense Carlos Lopes, que tanto apoio prestou à divulgação de muitos dos filmes da Invicta e que era já o detentor do direito de exploração de “A Rosa do Adro”, adquiriu o exclusivo da exploração do filme para Portugal e Brasil por cento e sessenta contos. O êxito do filme neste último país foi retumbante. Testemunho disso mesmo é o que disse a revista do Rio de Janeiro, “Palcos e Telas”, a qual publicava em cada um dos seus números a cotação, segundo o seu juízo crítico, dos filmes ali estreados; assim, na edição respeitante à semana em que o nosso filme se estreara, concedia a OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA a melhor valorização da semana, pondo-o em igualdade com dois outros filmes americanos, um da Metro, outro da Paramount.

In M. Félix Ribeiro, *Invicta Film – Uma Organização Modelar 1917-1924*, edição da Cinemateca Nacional, 1973

Sobre a Música

Segunda colaboração de Armando Leça com a Invicta Film, a música de OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA (1920) mantém muitos dos elementos que caracterizavam a rapsódia de “cantos e bailados do Douro-Litoral” que o compositor escrevera para acompanhar A ROSA DO ADRO (1919), em particular o recurso à estilização de motivos do cancionero popular. Nesta partitura, porém, Leça procurou obter uma maior proximidade entre a música e a imagem, nomeadamente através de temas recorrentes que identificam algumas das personagens e locais da narrativa, assim como pela presença da harpa, instrumento que é tocado no filme por duas das principais protagonistas, Beatriz e Berta. Um dos aspetos mais significativos desta partitura é o facto de Leça ter decidido acompanhar musicalmente a narrativa de um modo descontínuo, ao contrário do que se tornaria prática habitual no cinema mudo dos anos vinte. Assim, as sequências musicais caracterizam apenas alguns dos blocos narrativos do filme, sendo intercaladas por momentos deliberados de silêncio, que reforçam a autonomia do comentário musical e criam uma relação singular entre o som e a imagem.

O restauro da partitura de OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA foi levado a cabo por uma equipa de musicólogos da NOVA FCSH a partir das fontes existentes no espólio do compositor, conservado na Área de Música da Biblioteca Nacional de Portugal. Estas fontes, que consistem no manuscrito autógrafo de Armando Leça e em diversas cópias manuscritas das partes de cada instrumento, contêm diversas indicações de sincronização. No entanto, estas indicações foram sendo acrescentadas ao longo das diferentes apresentações públicas da partitura em 1921 (Lisboa, Coimbra, Guimarães, Porto) e correspondem aos intertítulos originais do filme e não aos da cópia que chegou até nós, pelo que a presente sincronização resulta do cruzamento e do estudo crítico das diferentes fontes sobreviventes.

Bárbara Carvalho (CESEM, NOVA FCSH), Manuel Deniz Silva (INET-md, NOVA FCSH)